



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MEMÓRIAS DO MENINO DE ENGENHO NA ESCOLA

Enoque Bernardo Santos¹

Universidade Estadual da Paraíba, enoquebs@hotmail.com¹

Resumo: O Presente artigo descreve a vivência de um menino de engenho na escola em Pilar e na cidade de Itabaiana no Estado da Paraíba na década de 1910. A escola na cidade de Itabaiana pertenceu ao docente Francisco Lauro Maciel Monteiro, conhecido como Professor Maciel. O nome do estabelecimento de ensino é Instituto Nossa Senhora do Carmo. O menino é Carlos de Melo. Ele é o protagonista dos romances do ciclo da cana de açúcar do escritor paraibano nascido, José Lins do Rego Cavalcanti. Para a escrita deste artigo fizemos a leitura do livro *Menino de Engenho e Doidinho*. Para tal, utilizaremos as noções de Severino (2007) para a efetivação da teoria estabelecida entre os diálogos na escola e obra de José Lins do Rego. Durante o estudo, foi possível constatar algumas memórias na obra de José Lins, envolvendo os inúmeros métodos das escolas e colégios do início do século XX, promovendo possíveis diálogos com os contextos históricos escolares da época atual.

Palavras-chaves: Menino, escola, professor, Maciel.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir das leituras feitas dos romances do ciclo da cana de açúcar do escritor paraibano José Lins do Rego. Os romances utilizados, *Menino de Engenho e Doidinho* são livros de memórias em que o personagem narra sua vida quando criança no Engenho Santa Rosa, pertencente ao seu avô materno. No romance *Menino de Engenho* também são relatadas a sua entrada na escola na cidade de Pilar. E no livro *Doidinho* a vivência como aluno interno no Instituto Nossa Senhora do Carmo na cidade de Itabaiana no Estado da Paraíba, na década de 1910.

A metodologia utilizada foi a bibliográfica. Sobre referência bibliográfica (SEVERINO, 2007, p. 122) afirma:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

2. CONHECENDO O ENREDO

Morando no engenho do avô materno, e em companhia dos filhos dos trabalhadores e moradores do referido engenho, Carlos de Melo vai descobrindo o mundo em que vive e aos poucos vai percebendo que o seu avô, o Coronel José Paulino é o dono de muitos engenhos e terras. Percebe que todos que vivem nas propriedades do coronel José Paulino, devem-lhes favores, mas com o passar do tempo vai perceber que o avô não é o único dono de terras e engenhos, existem outros proprietários e que o mundo não se encerra nos domínios do coronel José Paulino. E nesse descobrir das coisas, Carlos de Melo começa a ter contato com o mundo da leitura escrita..

Antes de ir para a escola na cidade de Pilar, Carlos de Melo aprende as primeiras letras do alfabeto com a sua Tia Maria, a qual assumiu a incumbência de prepará-lo para o início da escola primária.

Passava o dia a me ensinar as letras... ficava eu horas sentado na sala de costura, com a carta de á-bê-cê na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras me entravam na cabeça. (Rego, 2008 p.46-47).

Pela citação acima vemos duas palavras que nos chamam atenção: as palavras prisão e martírio. Prisão porque devido à enfermidade que o acometeu, ele foi privado de toda liberdade que o mesmo tinha desde primeiros dias da chegada ao Engenho Santa Rosa. E martírio devido ficar durante muito tempo e ter que memorizar todas as letras do alfabeto e as famílias silábicas, que eram ensinadas pelo método da soletração. Tudo isso o deixava agoniado, porque não conseguia memorizar tudo o que estava na Cartilha de ABC.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As aulas no engenho demoraram pouco, isto porque na cidade de Pilar havia chegado da capital paraibana um doutor chamado Figueiredo. Tudo indica que o mesmo colocou uma escola em sua residência. No Brasil desde a época do Império pessoas que sabiam ler, escrever e calcular tinha permissão de lecionar e receber o pagamento pela atividade docente do erário público. Assim, descreve Carlos de Melo sobre a sua ida a escola fora de sua casa. “Botaram-me para aprender as primeiras letras em casa dum doutor Figueiredo, que viera da capital passar tempos na vila do Pilar. Pela primeira vez eu ia ficar com gente estranha um dia inteiro”. (REGO, 2008, p.62,)

Na escola desse doutor Figueiredo o que agradou ao menino Carlos de Melo foi a maneira de a esposa do professor lhe tratar. Carlos de Melo afirma que a mesma o tratava com carinho, como se fosse a sua mãe. Era um carinho diferente do que a sua tia Maria lhe dava. Com relação ao professor nada aprendeu. O que conseguiu aprender foi com a esposa do professor, a qual se chamava Judite. Vejamos como Carlos de Melo descreve o professor e a professora

Tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chegava, que me fazia as vontades:... ela sempre que me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido. (REGO,2008, p.62)

A escola estava sob a responsabilidade do doutor Figueiredo, mas quem ensinava era Judite. O doutor não ficava parado em casa. “O tempo todo lendo os jornais”. Quem ensinava a Carlos de Melo era Judite. “A mulher era quem me ensinava, quem tomava conta de mim”. De acordo com Carlos de Melo na escola do doutor Figueiredo ele aprendeu as primeiras letras do alfabeto. “Foi ali com ela, sentindo o cheiro de seus cabelos pretos e a boa carícia de suas mãos morenas, que aprendi as letras do alfabeto”. (REGO 2008, p. 62-63)

A segunda escola frequentada por Carlos de Melo foi à escola publica na cidade de Pilar. Podemos afirmar que era pública, devido, a sua clientela ser formada por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

crianças carentes. Nesta escola Carlos de Melo é tratado com toda atenção em detrimento das outras crianças. Rego (2008, p.62)

“Depois mandaram-me para a aula dum professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do coronel Zé Paulino”.

Na escola que Carlos de Melo começou a frequentar na cidade de Pilar era desprovida de mobiliário adequado e material pedagógico. Essa era a realidade das escolas públicas do interior paraibano neste período. Não havia prédio apropriado para funcionamento do ensino primário. As escolas funcionavam na sala de uma casa na cidade ou até mesmo em um galpão de comércio. Não havia a mínima preocupação com o mobiliário. O método utilizado pelos professores era baseado na escola tradicional. Os alunos apenas reproduziam o que o professor dizia. Rego (2008, p.63), descreve a escola em Pilar.

Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. Eu me sentia bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não tinham raiva de mim. Muitos deles eram de moradores do engenho. Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e trazia da escola. (REGO, p.63, 2008)

O menino Carlos de Melo não tinha apenas o professor que lhe ensinava a ler, escrever e calcular. Tinha também o professor de ensinar coisas relacionadas ao sexo. Esse professor era um trabalhador do Engenho Santa Rosa, encarregado de fazer os mandados do Coronel Zé Paulino. Ele também era responsável de levar e trazer o neto do coronel para a escola na cidade do Pilar, e no meio do caminho ia falando de suas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aventuras sexuais com as mulheres. Assim descreve Carlos de Melo na volta para casa montado na garupa do cavalo guiado por Zé Guedes: REGO (2008, p. 63)

O outro mestre que eu tive foi o Zé Guedes, meu primeiro professor de muita coisa ruim. Levava-me e trazia-me da escola todos os dias. E na meia hora que ficava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros.

A escola na cidade de Pilar era insuficiente para a formação de Carlos de Melo, e ele foi estudar no Colégio Diocesano na capital da Paraíba. Era um colégio com internato, onde o menino Carlos de Melo passaria o ano todo estudando e viria para o engenho de tempos em tempos, apenas para passar as férias e depois voltar para o colégio. Após concluir o ensino primário, prestar exames e posteriormente entrar numa faculdade de Medicina ou de Ciências Jurídicas. Sobre a sua ida para o diocesano Rego (2008, p. 149)

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que meu corpo. Aquele Sergio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio (REGO 2008, p.149)

3. INSTITUTO NOSSA SENHORA DO CARMO

Ao chegar ao Diocesano às matrículas estavam encerradas, e Carlos de Melo voltou para o Engenho Santa Rosa, em Pilar. O coronel José Paulino ficou preocupado porque não queria que o neto ficasse solto na bagaceira sem estudar e depois de ouvir os conselhos de sua filha Maria e de seu filho Juca, chegou a uma conclusão que o melhor era matriculá-lo no colégio do professor Maciel na cidade de Itabaiana-Paraíba. Nesse internato ele ficaria interno igualmente no Diocesano e viria para o engenho no período das férias. (REGO, 2004, p. 29)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Pode deixar o menino sem cuidados. Aqui eles endireitam, saem feitos gente – dizia um velho alto e magro para o meu tio Juca, que me levava para o colégio de Itabaiana. Estávamos na sala de visitas. Eu, encolhido numa cadeira, todo enfiado para um canto, o meu tio Juca e o mestre. Queria este saber da minha idade, do meu adiantamento. O meu tio informava de tudo: 12 anos, segundo livro de Felisberto de Carvalho, tabuada de multiplicar.

O colégio do professor Maciel na cidade de Itabaiana era conhecido nas adjacências como um estabelecimento de ensino com disciplina rígida, onde os meninos tinham como diretor um professor com mais de quarenta anos de magistério. (REGO (2008, p. 30):

O colégio de Itabaiana criara fama pelo seu rigorismo. Era uma espécie de último recurso para meninos sem jeito. O diocesano não me aceitara porque estava de matrícula encerrada. Lembrem-se do colégio do seu Maciel, como era conhecido nos arredores o Instituto Nossa Senhora do Carmo. Lá estiveram os meus primos uns dois anos. Voltaram contando as mais terríveis histórias do diretor. Um judeu. Dava sem pena de palmatória, por qualquer coisa. Era ali onde estava agora.

Nesse estabelecimento de ensino, Carlos de Melo começa a sua nova fase da vida. Enquanto no engenho e na escola do Pilar todos faziam seus gostos, no Instituto Nossa Senhora do Carmo tudo é diferente. No seu novo ambiente onde passa a viver, ele tem que arrumar sua cama e ficar sob as ordens de um desconhecido, que além de seu professor irá ser seu algoz.

O primeiro momento de que sua vida começou a mudar é quando Carlos de Melo é chamado por um dos meninos internos ,avisando que o Professor Maciel está chamando para o jantar:

Estavam chamando para o jantar. Descemos uma escada para a sala de refeições. Uma mesa grande para todos. O seu Maciel na cabeceira, D.Emília e o pai dela de lado, e a negra Paula servindo. Quando me botaram o prato de feijão, recusei: - não gosto de feijão. - pois é o que o senhor tem de comer aqui todos os dias. Engoli, com um só na garganta, a minha primeira bóia



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de prisioneiro. - se o senhor quiser escolher comidas, vá para o hotel.

Carlos de Melo a partir da situação da hora do jantar começara a perceber que ali não adianta ser neto do coronel José Paulino. Ele é igual a todos os meninos que ali estão internados. Ele não tem os mimos e cuidados que tinha na escola do Pilar. Todos ali são tratados de forma igualitária. Ele agora tem que obedecer ao novo senhor. Se na escola de Pilar tudo concorria para ele, no Instituto Nossa Senhora do Carmo, quem manda é o Professor Maciel. O avô de Carlos de Melo manda no Engenho Santa Rosa e nos trabalhadores de sua propriedade. Sendo assim, Carlos de Melo, começa a enxergar o mundo de outra forma. O mundo não se resume apenas ao engenho. O mundo tem outros mandatários. Em Itabaiana quem manda no Instituto Nossa Senhora do Carmo é o diretor. Se os pais não quisessem que o Professor Maciel mandasse nos meninos que procurasse outro estabelecimento de ensino. E assim, que os pais matriculavam um menino no Instituto Nossa Senhora de Carmo, o diretor avisava que fazia uso da palmatória.

Outra situação que vai deixar embaraçado é no momento da leitura. Nesse tempo o professor chamava aluno por aluno para tomar a lição. O aluno tinha por obrigação saber todo texto de “cor”, para ler em voz alta para o mestre e caso não lesse corretamente tomava “bolos”. Na escola do Pilar ele não levava “bolo”, no entanto no colégio do Professor Maciel, não adianta ser neto do coronel, a regra serve para todos.

De tarde fui dar minha lição. Levava o coração aos saltos, como nas noites em que acordava com o quarto às escuras... Errei a lição toda... O medo, no entanto, fazia a minha memória correr demais; e saltava as linhas. (REGO, 2004, p. 39)

Mesmo a escola funcionando de forma autoritária por parte do diretor, não se restringia apenas a ler, escrever e calcular. Os meninos tinham direito a passear pela cidade de Itabaiana à noite, sob o olhar de um decurião. Esse personagem denominado decurião, tinha o objetivo de registrar tudo sobre o comportamento dos alunos fazendo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

anotações, para no outro dia entregar ao diretor o relatório. A partir desse relatório o Professor Maciel dava advertência ou punia os alunos com o uso da palmatória.

Com relação à higiene, os internos tomavam banhos duas vezes por semana. O banho ocorria no Rio Paraíba. Nesse dia os meninos aproveitavam para brincar e contar histórias uns aos outros. Sobre os banhos no Rio Paraíba: Rego (2004, p.61)

Íamos aos domingos e às terças-feiras aos banhos nos rios. Levava-nos o velho Coelho, de toalha ao ombro, à frente do internato. [...] o velho nos comandava como um companheiro de mais idade. O rio passava a um passo atrás do colégio. Fazíamos, porém, o passeio até o poço do Maracaípe.

A escola também participava das festividades cívicas. Todos ficavam ansiosos para a parada do Dia Sete de Setembro. Para essa efeméride os alunos eram treinados por um oficial do Tiro. Todos tinham que participar dos ensaios para no dia do desfile não fazer feio. Rego (2004, p. 205)

A grande parada de sete de setembro estava na porta. Ensaia-se também o hino Nacional. Haveria passeata. O colégio acamparia lá para as bandas da fábrica de curtume, um dia inteiro com os exércitos. O mês de agosto decorreu com estes ensinamentos.

Outra coisa que os alunos participavam era ir assistir as fitas no cinema da cidade em companhia do Professor Maciel e a sua esposa Dona Emília. Com isso, mostra que, mesmo sendo rigoroso na disciplina dos alunos, o diretor do Instituto Nossa do Carmo estava atrelado à sétima arte ao levar os discentes para assistir as fitas americanas. Rego (2004, p.188)

O colégio vivia agora sob as impressões do cinema: tinham colocado um cinema em Itabaiana. Às terças-feiras e aos domingos pagava cada um quinhentos Ries para o espetáculo da noite. Invenção maravilhosa esta, que nos ajudava a levar o tempo, a furar os meses com o pensamentos nas fitas

“No colégio não havia religião. Aos domingos ouvia-se missa perto do padre, com o diretor na frente de bengala. E era só o que fazia para agradar a Deus”. E mesmo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sem ter uma religião definida na filosofia da escola, o Professor Maciel autorizou que os discentes tivessem aulas de catecismo para se prepararem para a primeira comunhão. Os alunos passaram a ter aula com uma professora chamada Marieta. Nas aulas do catecismo, os alunos repetiam tudo que a professora dizia. (REGO, 2004, p. 77)

O diretor entrara em acordo com o padre Fileto. O colégio às sextas-feiras estava indo tomar aula de catecismo na sacristia da igreja. A mestra de religião ensinava no colégio das meninas, d. Marieta, uma mulher magra com pincenê de ouro. Falava com uma mansidão de mãe boa, sem grito, fazendo as perguntas e às vezes dando, ela mesma, a resposta.

Com relação à leitura escrita, ela começou a despertar em Carlos de Melo a partir da leitura dos livros *Coração* e *A Seleta Clássica*. Outro livro que chamou atenção dele foi a história de Carlos Magno e os dozes pares de França. E para completar esse despertar do mundo da leitura escrita, havia o Grêmio Literário do colégio. Era uma espécie de clube literário, onde as pessoas ilustres da cidade participavam com a leitura de suas dissertações. No entanto, o momento maior ocorria no último dia de aula no internato. Este dia era especial, porque a refeição era preparada de forma especial, no lugar de carne-de-sol, havia carne de galinha e frangos.

A partir da leitura dos discursos apresentados no Grêmio Literário do Instituto Nossa Senhora do Carmo, despertou em Carlos de Melo em escrever discursos. Essa vontade de escrever discursos surgiu através do aluno Otávio. Otávio era considerado um aluno célebre. E quando Carlos de Melo escreveu seu primeiro discurso e foi mostrar ao Professor Maciel, o mesmo não deu a mínima importância e sugeriu que aprendesse a escrever corretamente as palavras. Rego (2004, p.223)

Nem me lembro sobre o que era a minha primeira descrição, depois disto. Só sei que botei o sol iluminando com os seus raios as relvas floridas dos campos. Os passarinhos gorjeavam nas árvores os seus cantos harmoniosos. - De onde o senhor tirou isto? - De ninguém. Botei de cabeça. - Melhor que em vez destas besteiras o senhor soubesse escrever certo as palavras. Qual! Ali não se podia escrever bonito. O meu primeiro ensaio literário tivera aquele destino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O funcionamento da escola primária no interior da Paraíba funcionava seguindo a pedagogia tradicional, onde o professor era o centro de tudo na sala de aula. Essa pedagogia perdurou por muito tempo nas escolas brasileiras, só vindo a mudar com a introdução do método intuitivo e as ideias da escola nova.

O espaço escolar se consolidava em controlar as ansiedades dos alunos. A descoberta das coisas relativas ao conhecimento do mundo. O aluno era um expectador, recebia tudo de forma pacífica, como se todas as informações repassadas pelos professores não pudessem ser questionadas. E a família acreditava na escola e permitia que as crianças fossem castigadas fisicamente. Além do castigo físico, a repreensão oral diante de todos os alunos.

O professor não tinha nenhum constrangimento em humilhar o aluno diante dos outros discentes, principalmente se o mesmo errasse no momento da leitura e na Aritmética. A palmatória estava ali para dar os “bolos”, como eram chamadas as pancadas dadas nas mãos das crianças e adolescentes das escolas públicas e particulares do Brasil. A criança aprendia a ler, escrever e calcular na “marra”. Não havia espaço para questionamentos. Prevalencia a voz primeira e única do professor.

Rego (2004. p.117), ao escrever Doidinho, o qual se trata de um livro de memória, afirma sobre o uso da palmatória no colégio do Professor Maciel, o seguinte:

Na Paraíba era proibido dar de palmatória, e isto mesmo porque o governo não sabia. Não havia governo para o professor Maciel. Quando lhe botavam os meninos no colégio, prevenia os pais: - castigo os alunos. Só aceitava assim. Ao contrario, passasse a outro.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nos livros *Menino de Engenho* e *Doidinho*, são destacadas palavras como decurião, sabatina, palmatória e a tabuada cantada em coro. Todos esses métodos utilizados pelos professores era uma metodologia que se acreditava que podiam manter a ordem e a aprendizagem dos alunos. A sabatina ocorria todos os sábados, os alunos deveriam saber a tabuada toda. O professor perguntava ao um aluno quanto é 7×7 e se o mesmo não respondesse corretamente, levaria “bolos” daquele que acertasse e assim, sucessivamente.

O docente Maciel utilizava métodos pedagógicos que provia do Império, mas, no entanto levava os meninos para conhecer o cinema. Mesmo que não tivesse nenhuma intenção pedagógica no pensamento do docente, os alunos aprendiam. Conheciam novos lugares através da imagem muda. Conheciam estória da literatura mundial e expandiam o conhecimento a cada fita assistida no Cinema na cidade de Itabaiana, na década de 1910. O cinema para Carlos de Melo tinha significância pelo seguinte:

A verdade,[...] era que o cinema nos educava, mostrava-nos cidades da Europa, terras coloridas da Itália. Lá estava Florença, a terra do Pequeno Escrevente Florentino. O arco do triunfo de Napoleão em Paris. Roma, com igrejas grandes. Gênova, donde Marcos saía para a sua viagem. (REGO, 2004, p.191)

REFERÊNCIAS

REGO, José Lins. **Doidinho**. 40ª Ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2004.

REGO, José Lins. **Menino de Engenho**. 96ª Ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ªed.rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007